

## **MESA REDONDA: FORMAÇÕES DO INCONSCIENTE, FORMAÇÃO DO ANALISTA E FORMAÇÃO DO PESQUISADOR**

**COORDENADORA: TANIA COELHO DOS SANTOS**

Pós-Doutorado no Département de Psychanalyse de Paris VIII;

Professora Associada IV do PPG em Teoria Psicanalítica da UFRJ;

Psicanalista, Membro da École de la Cause Freudienne, da Escola Brasileira de Psicanálise e da Membro da Associação Mundial de Psicanálise;

Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental; Pesquisadora bolsista nível 1C do CNPq;

Presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana; Editora de aSEPHallus Revista de Orientação lacaniana.

Endereço: Rua Visconde de Pirajá, 318/608 Ipanema, de Janeiro CEP 22410000

E-mail: taniacs@openlink.com.br

### **Título: Do saber suposto ao saber exposto ou da identificação ao sintoma ao advento do pesquisador**

Retificando-se, Lacan (1975/76-2005: p.135) afirma: “Não é a psicanálise que é um sinthoma, é o psicanalista”. A identificação ao sinthoma ao final de uma análise revela o ponto de “não saber” que se oculta sob o objeto a do fantasma. Este último organiza a realidade psíquica bem como a percepção da realidade exterior. Ele orienta todo percurso analítico que vai da transferência como fechamento da realidade sexual do inconsciente à repetição pulsional de uma mesma impossibilidade: “não há relação sexual. O significante mestre separa-se do objeto a e o analisando realiza que a verdade do fantasma tem estrutura de ficção.” Ao final, é o que resta como resíduo, memória, um amarelado álbum de retratos. Na passagem do saber suposto ao inconsciente ao saber exposto de um pesquisador em psicanálise, como a identificação ao sinthoma como resto de um gozo opaco esvaziado do gozo com a fala pode dar lugar à obra do pesquisador, isto é, sua produção teórico clínica singular?

Ciência e práxis: Lacan *versus* Freud?

De que real se trata na praxis do psicanalista? Parto da distinção entre ciência e práxis, admitindo que a psicanálise se divide entre uma e outra. Adoto como orientação a definição de Miller acerca

da psicanálise no sentido absoluto: uma experiência que conduz a uma existência expurgada de sentido. Recordo que, de acordo com Lacan (1966/1998), o nascimento da ciência é “uma mutação decisiva que, por intermédio da física, fundou a ciência no sentido moderno, sentido que se postula como absoluto.” (p.869). Miller (2010), ao se referir à “experiência psicanalítica no sentido absoluto” (p.57), emprega a mesma expressão que Lacan quando se referiu “à Ciência no sentido absoluto”. Cabe esclarecer que o existente, ao qual ele se refere, é Um-corpo marcado pelo significante. Ideia, aliás, que é exatamente o contrário de nossa prática, pois, se o existente é um significante solitário, o trabalho analítico contraria o autismo da solidão do significante. Existiria, por conseguinte, uma antinomia interna entre o horizonte da psicanálise – o real na medida em que exclui todo sentido e que se escreve por meio da disjunção  $S1//S2$  – e a prática, que opera por meio da conexão  $S1-S2$ , engendrada pela interpretação. Proponho aqui que a psicanálise no sentido absoluto insere-se no campo da ciência, à medida que, com a topologia, os matemas, as fórmulas da sexuação e os nós borromeanos, Lacan insistiu em separar as estruturas do sentido.

Podemos afirmar que, ao final de sua análise, um ser falante aproxima-se de reconhecer o sem sentido de sua existência. Isto é a mesma coisa que circunscrever o significante arbitrário no qual se enraíza um acontecimento, o sinthoma ou a maneira singular de cada um usufruir de Um-corpo. Em nossa prática, acreditamos que existe uma relação entre o sentido e o real por meio do sintoma. Se não fosse essa *crença no sintoma*, a operação analítica careceria de qualquer ancoragem legítima no real. A psicanálise se reduziria ao exercício de uma narratologia, inspirada numa posição nominalista ou pós-moderna no que se refere à relação entre o significante e o real. A prática psicanalítica é realista; seu realismo se ancora no fato de que as representações, os sentidos ou as verdades variam, mas o sintoma permanece – razão pela qual nós o consideramos, na nossa prática, como equivalente ao real.

Proponho que a prática é da ordem do semblante, diferentemente da perspectiva da psicanálise como uma ciência cujo horizonte é o real sem sentido. Um semblante é um tratamento do real pelo simbólico, ele mistura razão e sensibilidade. Afirmar que a psicanálise é uma práxis não a diferencia propriamente da ciência. Práxis é um termo amplo que designa “uma ação realizada pelo homem (...) que o põe na condição de tratar o real pelo simbólico.” (LACAN, 1964/65-1985, p.14). O semblante precisa tocar o real, conectar-se com ele, mobilizá-lo, comovê-lo. Lacan, ao final de seu ensino, aspirava que a psicanálise fosse um discurso que não seria semblante, que tal como a ciência engendrasse efeitos no real. Esta aspiração, ao longo de seu ensino, é marcada por uma constante ambiguidade, justificada, talvez, pela necessidade de manter uma dicotomia entre ciência e prática. Como interpretar suas últimas declarações sobre este tema? No Seminário XXIV, *L’insu*

*que sait de l'une bévée s'aile à mourre*, Lacan declara que a psicanálise não é uma ciência. A psicanálise só pode aspirar igualar-se a ela, porque é somente uma prática.

Diferentemente deste voto ambíguo, em seu Seminário intitulado *Le moment de conclure*, Lacan declara que não é uma ciência porque é irrefutável. Na conferência publicada com o título de *A terceira*, o real da psicanálise coincide em parte ou inteiramente com o da ciência: “Suponham que não houvesse nada de impossível no real – os cientistas fariam uma careta e nós também. Mas quanto caminho foi preciso percorrer para ver isso. Durante séculos acreditou-se que tudo era possível.” (1974/2011, p.16). O real não é o mundo. Não há nenhuma esperança de alcançá-lo por meio da representação. O real não é o universal, não se pode dizer “todos são”. Ele só é todo, no sentido de que cada um dos seus elementos é idêntico a si mesmo. As letras (S1) e o objeto (a) escrevem justamente esta identidade de si a si. O significante-unidade é fundamental, pois a língua precipita-se na letra, na escrita, na cifração que engendra o sintoma a partir de algo do real que não cessa de se escrever: a pré-maturação, o desamparo e a morte.

E o que seria a letra? É unicamente o que nos abre o acesso ao real. É apenas por meio dela que captamos o que haveria de mais vivo ou de mais morto na linguagem.

Encontrei em Miller esta proposição que explicaria porque a letra é análoga ao germen: “Primeiramente porque sendo a letra aquilo que, do significante, se inscreve no corpo, ela é incorporada. (...) Em segundo lugar, essa letra não é o soma e, por último, a duração da letra se estende além da vida” (1999, p.45).

De que real se trata então na praxis do psicanalista? Será o real impossível em jogo na divisão do sujeito da ciência: aquele que não é senão deduzido do pensamento: penso logo sou”? Ou do objeto a, resto da operação significante, o núcleo mais real do gozo fantasmático? Ou ainda, da conjunção entre um e outro – isto é, entre o mais vivo e o mais morto: o significante Um e o objeto a - no sinthoma, enquanto um acontecimento real de corpo?

As duas primeiras versões se reúnem talvez na terceira, porém, não sem uma inversão de perspectiva. No último ensino de Lacan, o Outro que foi primeiramente abordado pela via do simbólico e depois pela vertente do objeto de gozo, agora é reduzido ao autismo de Um-corpo, status nativo do ser falante. O axioma “não há relação sexual” implica em que “não se diz senão uma única e mesma coisa.” A intervenção do analista, outrora definida por Jacques Lacan a partir do lugar do Outro (Nome do pai), e depois, do objeto causa do desejo (objeto a) agora é redefinida à luz do autismo do inconsciente real.

A práxis se faz, então, como um autismo a dois – pois analista e analisando são opacos um para o outro – logo, é preciso um forçamento para que ela exista. O único elemento comum é a

materialidade de lalingua. As intervenções do analista na clínica do real, de acordo com Miller (2010) tomam a fala materialmente, foneticamente, sem o lastro da gramática, aberta a todos os equívocos. A matéria funda o “mesmo” fora do sentido e aproxima-se do real. A interpretação é o nó da prática e tem dois efeitos distintos: efeitos de sentido e de furo. Existe uma equivalência entre a consistência de Um-corpo e a do inconsciente real: a pulsão é o resultado por excelência da ação parasitária do significante no corpo. Logo, o mais real na práxis – como espero demonstrar em seguida - é a *urgência* que traz o sujeito à análise. Manejá-la, caso à caso é o aspecto mais essencial da formação da passagem de um analista praticante ao um analista pesquisador. Penso que posso dar testemunho do fim de minha própria análise, por meio da construção de um caso clínico que permite avançar sobre o tema da sublimação. A questão que se colocou para mim diante do significante irreduzível (falassério) e seus possíveis efeitos de gozo sublimatório, eu a recoloco no caso que vou apresentar.

Como cada corpo falante, ao final de sua análise, eleva o gozo opaco com o sinthoma - esvaziado do gozo da fala - à dignidade de seu *pedestal*? Para avançar este ponto proponho distinguir dois usos do conceito de sublimação. Pretendo esclarecer como me sirvo deles na análise de uma neurose contemporânea<sup>1</sup>, que já está em vias de concluir-se. Se o sinthoma é uma emergência de gozo, um acontecimento de corpo, para esvaziá-lo é preciso sublimar este gozo. Trata-se de promover uma *mudança no âmbito da própria pulsão que não diz respeito ao objeto nem é da mesma natureza que a formação do ideal do eu*.<sup>2</sup> É uma mudança no campo da satisfação. O pedestal, diferentemente, é imaginário. É relativo à libido sublimada (dessexualizada) investida, seja nos objetos, seja no próprio eu. Trata-se de uma mudança no campo da identificação enquanto fundamento do laço social<sup>3</sup>. Diz respeito ao ato de elevar a “si mesmo” como objeto à dignidade da Coisa, se fazendo Belo, Verdadeiro, Sublime. Entendo que este conceito é transversal pois o segundo sentido de sublimação - no sentido da identificação ao ideal do eu - implica um cruzamento com o narcisismo<sup>4</sup>. Fazer obra de arte com o sinthoma esvaziado de gozo é uma coisa. Se fazer reconhecer como objeto digno de ser amado por si mesmo e pelos membros de sua comunidade é outra coisa muito diferente. Ao final de sua análise<sup>5</sup> um ser falante se aproxima de reconhecer o sem sentido de sua existência, circunscrevendo o significante arbitrário no qual se enraíza um acontecimento, o sinthoma, isto é, a maneira singular de cada um usufruir de Um-corpo. Mas a prática é da ordem do semblante, é um tratamento do real pelo simbólico, mistura razão e

<sup>1</sup> FENICHEL, O. *Teoriapsiconalítica de lãs neurosis*, Biblioteca de psicologia profunda, Buenos Aires, EdiotrialPaidós, 1966

<sup>2</sup> Cf. Freud, S. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução, in: ESBvol XV, 1974, pag. 111-112

<sup>3</sup> Cf. Freud, S. (1923) O Ego e o Id, in ESB, vol XVII, 1976, pg. 61

<sup>4</sup> MILLER, J-A *L'inconscient et le corps parlant*. In: <http://www.wapol.org/Template.asp>, 2014

<sup>5</sup> MILLER, J-A. A. *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010

sensibilidade.<sup>6</sup> O semblante precisa tocar o real, conectar-se com ele, mobilizá-lo, comovê-lo. Mas a análise do falasser não repousa suavemente sobre a suposição de saber. É muito mais um autismo a dois. É preciso uma certa manipulação<sup>7</sup> para fazer com o parceiro sexual impossível. O único elemento comum é a materialidade de *lalíngua* para promover efeitos de sublimação nos campos distintos da pulsão e da identificação. Antônio, no início de sua análise, queixa-se de uma dor dilacerante no peito. Ama Mariano demais, um rapaz doce, alegre e afetuoso. Sofre demais porque não consegue deixá-lo por Aquiles, seu novo namorado, ambicioso e muito bem sucedido. Não abre mão nem de um nem de outro. Dói demais. Ela só pode se sentir “plena” se mantém os dois. A insatisfação (*sintoma*) é a marca indelével de todas as suas escolhas, suas preferências, seus desejos. O velho ditado “*tantos proveitos não cabem num saco só*” não serve para regular sua maneira de gozar de sua vida. Jovem adulta, vive todos os momentos com uma intensidade voraz que a conduz sempre à exaustão (*devastação*): ora come descontroladamente, ora mergulha na dieta com afinco, trabalha demais, ama demais e não pode perder um só minuto de suas horas de lazer minuciosamente programadas para lhe proporcionarem o máximo de satisfação. Ela é um caso de rara desregulação dos hormônios da tireoide. Aos quatro anos começou a menstruar, e ao mesmo tempo surgiram pelos em seu corpo como se fosse um adolescente. Um dito familiar cifra o acontecimento de corpo: “*Antonia é muito homem e muito mulher!*”. Seus efeitos no campo identificatório a conduzem a encarnar as virtudes da polaridade sexual: muito feminina e muito viril. Exigente consigo mesma, destacou-se nos estudos e é bem-sucedida no trabalho. Ela é muito homem! O trabalho não é para ela a realização de um ideal. Deposita na carreira do futuro marido a realização desse tipo de ambição. Aquiles, diferentemente de Mariano, é perfeito para o papel. Construir uma família é o bastante para ela. Mas Aquiles não é alegre, não gosta de viajar, não sabe dançar, é egoísta, fechado em si mesmo e dedicado às suas ambições profissionais, não faz amigos e não anda em grupos. *Ver-se sendo vista*, deslumbrante, exuberante, incluída numa família ou num grupo de amigos é essencial. É seu pedestal. Muito insatisfeita, ela é muito mulher! Eu lhe pergunto: “*Será que é impossível que um mesmo homem reúna todas as virtudes que você admira?*” Ela afirma com toda a certeza: “*Claro que não é impossível! Ou é como eu quero, ou a vida não vale a pena*”. Esse ponto de certeza designa a rejeição do real impossível, prerrogativa do fantasma. Todo fantasma é uma aspiração à completude imaginária e à saciedade pulsional. Que objeto pulsional se esconderia sob a estrutura significativa, muito homem e muito mulher? Um sintoma indiscreto e muito renitente mostra à analista o caminho da interpretação e também seu limite. Antônio não pode cumprir o horário limite fixado pela empresa “para todos” os funcionários

<sup>6</sup>LACAN J. La science et la vérité (1965-1966). In: *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966, p. 14

<sup>7</sup>Cf. Laurent, E. Falar com seu escabelo, in Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, número 77, p. 146

graduados. Ela chega “atrasada”. Tinha extrema dificuldade de acordar pela manhã, sintoma atribuído à desregulação hormonal. Entretanto, sempre pudera contar com a tolerância com seus atrasos ao longo da vida. A tireoide preguiçosa a justificava. Eu lhe digo: “*Seja pela particularidade de sua tireoide, seja pelo fato de não conseguir se levantar cedo, você não abre mão de ser tratada como exceção*”. Chegar atrasada, diz respeito ao real do gozo. É o gozo sinthomático que se abriga sob o pedestal! Sua precocidade sexual anunciada graças ao transtorno tireoidiano, encontra em “*chegar atrasada*” uma satisfação excepcional. Sobre isso eu lhe digo: “*Ser a primeira, ou ser a última*”. Ela ri satisfeita. A sublimação é *uma mudança no âmbito da própria pulsão que conserva o gozo do corpo*. A intervenção toca o mais real, revelando que o sintoma aparentemente erra o alvo, mas o gozo do sinthoma sempre acerta na mosca. Esvaziado de gozo, o sinthoma se reduz à letra. A outra vertente da sublimação é relativa à dessexualização da libido narcísica. Para além do significativo falo (tê-lo/muito homem) ou (sê-lo/muito mulher), o fantasma abriga o objeto *a* em sua absoluta extimidade e sustenta o narcisismo. Sua majestade o bebê triunfava sobre as identificações sexuais. Porém, com Mariano ou Aquiles, ela terminaria sua análise fazendo da miséria neurótica, pura infelicidade banal. Antônia não cede<sup>8</sup>. Quando finalmente encontra Rodrigo, ela me diz: “*Deus preparou para mim esse presente*.” Cercado de amigos, inserido numa família muito afetuosa, ele é um rapaz capaz de produzir em torno dela o encantamento mágico de *ver-se sendo vista*, apaixonada, admirada, invejada. Ela experimenta legitimamente ser o falo encarnando a exceção feminina. Rodrigo é o parceiro sinthoma, que funciona como fator de correção. É ele quem agora tem o falo e lhe empresta o pedestal para que ela possa, na fantasia, brilhar.

Retorno ao ponto de partida citando Miller (2010: p.158) “a psicanálise conduz a uma existência expurgada de sentido (...) só há real naquilo que exclui toda espécie de sentido: ideia que é exatamente o contrário de nossa prática.” Como espero ter demonstrado mais uma vez.

COELHO DOS SANTOS, T. Semblante e discurso: estrutura e verdade na ciência e na psicanálise, in: *Latusa Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, número 14, Rio de Janeiro, 2009

\_\_\_\_\_ (2011) A dimensão real da inserção na ordem simbólica, em *aSEPHallus Revista de Orientação Lacaniana*(Online), vol. VI, n. 11, nov./2010, abr./2011, p. 1-17. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus)

<sup>8</sup> De acordo com Otto Feuchtel (1966) nas neuroses contemporâneas, o sujeito manifesta um orgulho de seu ser que não cede diante da dor; ao contrário, o sofrimento aumenta seu amor próprio e sua reivindicação de ser tratado como exceção.

\_\_\_\_\_ (2011) A materialidade da letra e o realismo da estrutura na psicanálise de orientação lacaniana, em LO BIANCO, A.C. (org.) *A materialidade da psicanálise*, Rio de Janeiro: Editora Contracapa, 2011, p. 81-100

\_\_\_\_\_ (2012) Existe uma nova doutrina da ciência na psicanálise de orientação lacaniana?, in: COELHO DOS SANTOS, T. MARTELLO, A. SANTIAGO, J (orgs.) *De que real se trata na clínica psicanalítica? Psicanálise, ciência e discursos da ciência*, Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012, p. 35-62

\_\_\_\_\_ O Real sem sentido nas ciências em geral e na psicanálise em particular, in: *aSEPHallus Revista de Orientação Lacaniana* Vol. VII n.13, nov/2011, abr./ 2012 p. 12-29 Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus)

\_\_\_\_\_ e Lopes, R.G. *Psicanálise, Ciência e Discurso*, Editora Cia de Freud, RJ, 2013

\_\_\_\_\_ (2014) La pratique psychanalytique et sa jouis-science in, *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, vol. 17 numero 2, Junho de 2014 (no prelo)

COTTET, S. (2012). Um bien dire épistemologique. *Du concept dans la clinique, La Cause du Désir, Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 80, mars, Navarin Editeur, p.16-22

\_\_\_\_\_. (2013). Em ligne avec Serge Cottet, in *La science est votre vérité La Cause du Désir, Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 84, mai, Navarin Editeur, p.12-22

LACAN J., (1965/66-2011) La science et la vérité, in: *Ecrits*, aux Éditions du Seuil

\_\_\_\_\_ (1964/65) *O Seminário Livro XI, Os quatro conceitos fundamentais*, Zahar Eds. , Rio de Janeiro, 1985

\_\_\_\_\_. (1971/72<sup>a</sup>-) *O saber do psicanalista*. Publicação do Centro de Estudos Freudianos de Recife, s/d.

\_\_\_\_\_. (1971-72b) *Le Seminaire. Livre XIX: ou pire*. Paris: Éditions du Seuil, 2011.

\_\_\_\_\_ (1974-75) *Le Seminaire XXII: R.S.I.* Paris: Éditions de La Association Freudienne Internationale, s/d..

\_\_\_\_\_ (1974-2011) La Troisième in: *Révue de la Cause Freudienne, Nouvelle Revue de Psychanalyse* numero 79, Navarin Editeur

\_\_\_\_\_ (1974-2011) A Terceira in: *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, n.62, dez/2011

\_\_\_\_\_ (1975-76) *Le Seminaire. Livre XXIII: le sinthome*. Éditons du Seuil, Paris, 2005.

\_\_\_\_\_ (1975-76) *O Seminário Livro 23 O sintoma*, Zahar Eds. RJ, 2011

\_\_\_\_\_ (1976-77) *Le Seminaire. Livre XXIV: L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*. Paris: Éditions de La Association Freudienne Internationale, s/d..

\_\_\_\_\_ (1977-78) *Le Seminaire XXV: le moment de conclure*. Paris: Éditions de La Association Freudienne Internationale, s/d.

MILLER, J-A *Elementos de Biologia Lacaniana*, EBP/MG, Belo Horizonte, 1999

\_\_\_\_\_ *Perspecyivas do Seminário 23 de Lacan : O sinthoma*, Zahar Eds., RJ, 2010

\_\_\_\_\_ *Perspectivas dos Escritos e dos Outros Escritos de Lacan : Entre desejo e gozo*, Zahar Eds., RJ, 2011

\_\_\_\_\_ O real no século XXI, in : *Opção Lacaniana Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, n.63, jun/2012

\_\_\_\_\_ O real é sem lei in : *Opção Lacaniana Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, n. 65, abril/2013